



N.º 9

**CRÓNICA**  
Deportiva

MÁRIO DE AGUIAR  
apresenta

N.º 9 — 9-VI-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS  
Redacção e Administração: Rua Sa-  
raiva de Carvalho, 207 — Telefones:  
66 85 39 e 66 86 84 — Propriedade  
de AGUIAR & DIAS, LDA. — Distri-  
bução da AGENCIA PORTUGUESA DE  
REVISTAS — Composto e impresso  
nas oficinas da E. N. P. (Anuário  
Comercial de Portugal)

Todos os Domingos

DE ATLETA  
A MINISTRO!

**E**STA foto foi reproduzida da ex-  
tinta revista «Ecos dos Sports»,  
de há 31 anos, e ocupava uma  
página de grande formato. Não  
foi a personalidade do atleta que im-  
pressionou os nossos camaradas desse  
tempo, para lhe dar tal relevo, mas  
simplesmente o «lindo efeito do salto»  
(sic). Em 1926 não se podia saber  
que aquele vigoroso atleta se torna-  
ria uma figura grada da nação. Era  
simplesmente o estudante José Fre-  
derico Ulrich, a saltar 1<sup>m</sup>.65 no campo  
do seu clube — o Club Internacional  
de Football, nas Laranjeiras (também  
seu jogador de futebol). Este despor-  
tista tornou-se mais tarde Ministro  
das Obras Públicas e actualmente pre-  
sidente da Junta de Energia Nuclear  
(importante organismo científico na-  
cional, como se depreende) — e para  
honra do Balenenses, presidente do  
Conselho de Administração do Está-  
dio do Restelo.

Ao oferecermos esta agradável sur-  
presa, em especial aos adeptos «azuis»  
(surpresa que também será para o  
próprio eng. Ulrich...) saudamos com  
respeito e admiração o distinto des-  
portista — um exemplo mais, e bem  
frisantante, de que o desporto é uma  
escola onde se forjam grandes homens,  
nos jogos como nas ciências.

**Eis José Frederico ULRICH**  
o desportista que mais alto  
se guindou nos postos  
da Nação!





E aqui está como a água pode ser culpada de um golo!

Na foto de cima, o avançado corre com o esférico ao seu alcance, perseguido por um defesa adversário. Em dado momento chutou, apesar do autêntico lago que aparece junto dele...

...Na baliza contrária, o guarda-redes ajoelhou, preparando-se para captar o esférico. Mas este tocou na poça que se vê frente ao **keeper** e tomando efeito foi parar no fundo da baliza.

Repare-se na atitude de surpresa do infeliz guardião e na posição em que tem as mãos.

Parece dizer:

— Assim, não se pode jogar!

**ASSIM,**  
não se  
pode  
jogar...



**UM ÊXODO  
QUE DEU  
QUE FALAR**

O maior escândalo do futebol mundial em 1950 foi a «fuga de alguns ases argentinos e ingleses para a Colômbia, passando por cima de todas as normas de transferência. Os colombianos não se ralaram (a princípio...) com o «isolamento» a que a F. I. F. A. os votou e aliciaram assim alguns dos maiores futebolistas do mundo. A Federação Argentina expulsou quatro dos seus filiados desertores, entre eles os bem-conhecidos Pontoni, Pedernera e... Di Stefano. Estes cavalheiros, entrevistados na altura, declararam sem «papas na língua»:

— Não faz mal. Nós não tencionamos sair da Colômbia. Aqui ganhamos muito dinheiro e além disso tratam-nos como príncipes...

E ganharam, de facto, muito dinheiro: dez mil pesos argentinos por mês, qualquer coisa como 30 contos ao câmbio desse tempo!

Para estes é que não é preciso «caixa de reforma»...



## O jogador que perdeu a cabeça...

Que teria sucedido à cabeça do «back», cuja posição do corpo dá a ideia de que ele tentou opôr-se à tentativa do avançado contrário para captar a bola?

A surpresa do atacante e os olhares dos demais intérpretes involuntários do lance, até nos fazem crer que o dianteiro do Juventus, de Turim, embora falhando a bola, tenha chutado na cabeça do adversário, enviando-a para a baliza!...

Tudo ilusão de óptica. A cabeça do defesa do Internazionale de Milão está apenas «escondida», por motivo da posição em que aquele se encontra.



**O Sporting  
da Covilhã  
lá tinha  
as suas  
razões!...**

Talvez não se recorde, amigo leitor.

No regulamento do campeonato Nacional de futebol, em 1950, havia uma disposição que condenava os dois últimos classificados a baixarem de Divisão, em vista de se pretender, então, reduzir os concorrentes de 14 para 12. Contra isso insurgiu-se tenazmente, por meio de duas exposições — primeiro à sua Associação e depois à D. G. D. — o Sporting da Covilhã. Mas não se julgue que os «leões da Serra» se encontravam em aflições por causa dessa determinação. Longe disso. De 1949-50 a 1951-52, o Sporting da Covilhã foi 6.º classificado, e na época passada foi, até, 5.º! Foi uma questão de princípios que defendeu e que lá tinha as suas razões viu-se este ano, em que inesperadamente foi relegado para o 13.º posto.

...Ao contrário de outros que só pensam no presente.

# O I CURSO

de aperfeiçoamento  
de treinadores de futebol

Poucos se lembrarão já de que o I Curso de Aperfeiçoamento de Treinadores de futebol se realizou em Lisboa há já 16 anos. O curso que durou 16 dias teve a valiosa assistência técnica dos srs. dr. Mesquita Guimarães e Tibério Antunes, Ten.-coronel Ribeiro dos Reis, Ricardo Ornelas e Engenheiro Pires Ventura e dividiu-se nas seguintes matérias: Anatomia, Fisiologia, Higiene, alimentação, fadiga e primeiros socorros a prestar em casos de traumatismo, aplicação de massagens, ginástica, atletismo, teoria e técnica de jogo e suas leis, tática de jogo em campo, etc..

Existiu somente o desejo de ministrar a alguns treinadores de então e a outros que o foram depois, as principais noções de matérias várias, que melhor serviriam aos homens encarregados de dirigir e formar jogadores.

Nesse curso compareceram a par de figuras desconhecidas alguns nomes grandes do nosso futebol, como Augusto Silva (então treinador do Estoril Praia), Vítor Silva, que treinava o Operário, António Lopes (o célebre «4010») que orientou o Arroios, Severiano Correia, então no Atlético, Carlos Alves, que dirigia o Vila Real, Armando Martins, nessa altura à frente da equipa do Vitória de Setúbal, etc., etc..

Como se verifica os nomes «grandes» abundavam — e pelos vistos colheram-se benefícios. Que pena tal iniciativa tardar em repetir-se...



**SABE  
QUE EQUIPA  
É ESTA?**



Com o emblema das cinco quinas, e sem os grandes «ases», como o Carlos Gomes, Virgílio, Águas, etc., é fácil concluir que se trata da seleção nacional de futebol «B»... Mas qual foi o adversário? O resultado (prevenimos que foi o mais folgado de todo o nosso «palmarés»). Onde se disputou? Em que data? Como alinharam de início e que substituição houve?

Respostas para todas perguntas encontrá o leitor na página 19.

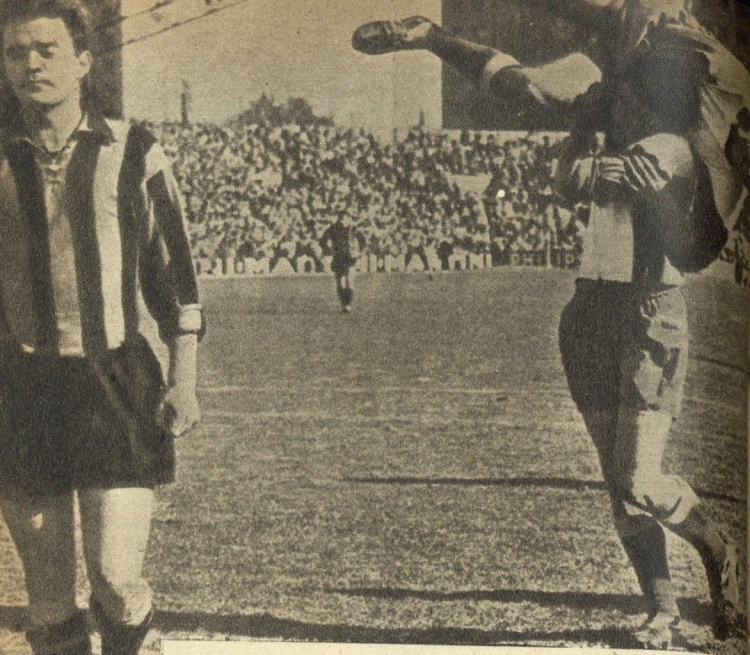
A ESQUERDA:

Os «alunos» Carlos Alves (com equipamento à Benfica...) e Vítor Silva, prestando provas ante as vistas do árbitro Manuel Alexandre e outros «condiscípulos»...

A DIREITA:

Ribeiro dos Reis dando lição de tática aos seus alunos... Felizmente que nessa altura não havia a praga dos 4-2-4...





## O CONTRASTE DE SEMPRE

Futebol desporto rei — futebol, jogo das multidões!

Por alguma razão assim o baptisaram!

Em cada domingo, por esse Mundo além, há, em cada Estádio, uma história para contar. Esta, por exemplo, que as imagens presentes reflectem, passou-se em Paris, no Parque dos Príncipes...

Jogava-se o Toulouse-Nice, a contar para as meias-finais da «Taça de França». O Toulouse entrou a jogar em grande estilo e ao fim da primeira parte ganhava por 2-0.

Mas, no segundo tempo, o Nice «acordou». Após emocionante reviravolta, os nicenses foram ao empate.

O Estádio vibrou intensamente com o entusiasmo posto na luta pelas duas equipas. E já se preparava para assistir ao prolongamento quando o «toulousino» Bocchi, precisamente, no último minuto, colou a bola às redes do Nice.

As esperanças dos rapazes da Costa Azul perderam a sua cor verde... Esmoreceram definitivamente.

O final do encontro ofereceu-nos este espectáculo misto de alegria e tristeza, num flagrante contraste: enquanto Bocchi, o homem da vitória, sorri de contente, transportado, de maneira bem curiosa aos ombros do seu colega Boucher, à esquerda, Ojlaki, tristemente, abandona o terreno, deseioso de se encontrar na cabina e aí dar largas ao desespero que em seu rosto se vê!

## Para acertar nos prognósticos do futebol...

Isto aconteceu na Itália. Uma italiana de 33 anos, de nome Marietta Gheza, perdeu há 4 anos o marido — e teve de recorrer a empregos eventuais, para garantir o seu sustento e o de uma filha. Mas, no momento em que a «maré virou», estava desempregada.

Eis senão quando, por ocasião da Páscoa, a criança recebeu de sua avó um ovo de chocolate,

**UMA NOTÍCIA QUE É UM CONSELHO**

dentro do qual vinha um dado plástico. Lançando-o ao acaso, Marietta preencheu um boletim para o concurso semanal dos prognósticos de futebol. E qual não foi o seu espanto, ao verificar que acertara em cheio e conquistara o prémio de 130 milhões de liras!

O futebol é, ou não, uma lotaria?

**...jogue aos dados...**

## Martins



um exemplo

**CERCA DE 500 JOGOS SEM UM CASTIGO**

João Martins o valoroso internacional que em 1946 assinou a ficha pelo Sporting recebendo a choruda quantia de «cem escudos», que pelo seu clube já obteve os maiores louros (campeão nacional e vencedor da Taça) e que teve a honra de envergar a camisola nacional em 12 encontros, tem ainda um outro motivo de orgulho na sua impressionante carreira. Em quase 500 jogos disputados, nem sequer uma repreensão recebeu.

É bonito e... exemplar este caso do Martins, do Sporting!

# Os «Zés Marias» do futebol nacional



Pedroto



Pellejero

Verdadeiro símbolo da onomástica regionalista é esse nome tão português de José Maria, muito mais saboroso e real na inevitável metamorfose de Zé Maria.

No actual futebol luso é um nome que pertence a bom lote de jogadores, gerando até apropriada curiosidade.

Assim, encetamos a série com a alusão ao mais recente «capitão» da equipa nacional: «Zé» Maria Pedroto, do Porto. Um elemento de já demonstrada classe, reconhecido mesmo além-fronteiras.

Na mesma equipa do Porto há ainda outro Zé Maria, habitualmente extremo esquerdo, jogador primoroso se bem que um pouco lento, executante de primeira que o F. C. Porto descobriu nas populares fileiras do Candal.

No Sporting de Braga, cidade tão tipicamente lusitana, há mais dois Zés Marias diferenciados por I e II. São ambos defesas

— central e esquerdo — e têm conseguido exibições que muito os recomendam momentaneamente o n.º 5 que pertence ao lote dos melhores do País.

Pellejero, do Belenenses, apesar de argentino também não foge à regra.



José Maria I | José Maria II



Na CUF do Barreiro vamos achar mais outro José Maria, alinhando a guarda-redes e sendo proveniente das fileiras do Estoril Praia. Jovem e aplicado pode ainda não ter dado o melhor de si próprio.

É-nos, finalmente, possível indicar ainda mais dois nomes para a colecção: José Maria (Salgueiros) e José Maria (Olivais).

Otros, haverá, que não nos ocorrem de momento, mas os exemplos apontados dão já uma ideia da popularidade do nome de José Maria no futebol português.

## Duas equipas famosas da nossa equitação

Desde sempre as equipas hípcas de Portugal deixaram bem colocadas as nossas cores. Ainda recentemente no último concurso híptico internacional de Lisboa o facto voltou a registar-se



Aplaudindo os «ases» de hoje, não esquecemos porém as grandes figuras do hipismo do passado — duas equipas famosas nos Jogos Olímpicos de 1924 e 1928.



## Avelino-Jurado uma parrelha famosa que teve estreia pouco auspiciosa



Já decorreram muitos anos desde que este par se tornou famoso no futebol nacional. Avelino Martins e João Jurado.

Um defesa no F. C. Porto, o outro no Sporting. Ambos conheceram os maiores louros que um jogador pode ambicionar. Campeões de Portugal pelos seus clubes e internacionais dos mais valerosos do nosso futebol. Apareceram juntos, pela primeira vez, naquela triste (para nós...) tarde de

Março de 1934, em que Portugal perdeu em Madrid por 9-0... Mas oito dias depois, em Lisboa, lá estava a mesma parrelha, a impôr uma derrota tangencial aos «feras» espanhóis. Pois se eram os melhores defesas daquele tempo...

Avelino e Jurado que envergaram respectivamente 8 e 4 vezes a camisola das quinas, não estão esquecidos, pois frequentemente os saudosistas dizem:

- Aquelas «entradas» do Avelino...
- Aqueles «desarmes» do Jurado...

Da China distante chegaram estas duas magníficas fotos. A primeira mostra-nos uma bela ginasta de olhos de amêndoa — bela no sentido plástico e no difícil exercício que executa. A outra apresenta-nos um atirador ao arco, em atitude que para ele será a de mais perfeito equilíbrio, visar as nuvens.

Que enorme contingente de desportistas poderá dar um dia a China imensa — o mais populoso país do mundo, com os seus 470 milhões de habitantes...



A BELA GINASTA CHINESA ...



.. E O ARCHEIRO POETA ...

# Do album de SÉRIO

O guarda redes calmo  
que foi uma pilha de  
nervos em Madrid...

Dava gosto ver jogar José Sério. Calmo, sóbrio, altíssimo, parecendo chegar a todo o lado, e, sobretudo, calmo. Pois em Madrid, na única «internacionalização A», foi uma «pilha-de-nervos», de tal modo que ele próprio pediu para ser substituído.

— Pois eu nem via a bola! — confessou-nos.

Estado de espírito inexplicável. Pois se contra a «França B», na estreia, foi de uma serenidade preciosa...

O tempo rodou. Sério deixou já a equipa do Bel-

Uma brilhante defesa contra a França B.

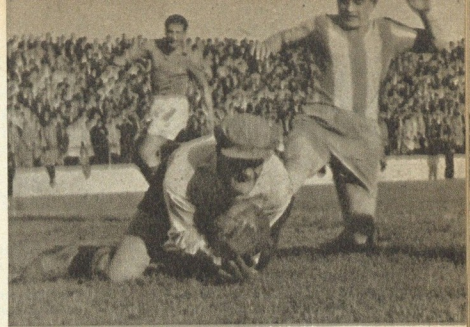


José Sério quase «cow-boy».

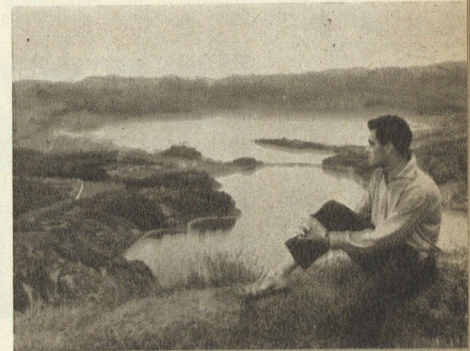


nenses — não o clube. E vê-lo treinar nas Salésias, como se estivesse em actividade. E não está porque o clube — o Coruchense — não lhe paga, e ele «de «borla» não está para isso. Disse-nos isto e outras coisas, que é melhor calar... Uma consolação: fica livre para a próxima época e pode alinhar no clube com o qual firmar acordo. E como continua em boa forma, é mais do que provável que José Sério ainda não pôs ponto final na sua carreira...

Entretanto, exibamos algumas fotos do seu álbum — que o leitor (belenense ou não, que Sério tem admiradores em todos os clubes) decerto gostará de apreciar.



Bola bem segura. Demétrio (Atlético) nada poderá fazer.



Contemplando a bela lagoa, bem longe do bulício dos estádios...



Com José Aguas, no dia da estreia de ambos na selecção B. Anos mais tarde, uma cabeçada de Aguas (involuntária, se vê, que ele também sofreu moça) atirou com Sério para o hospital. Puro acidente de jogo, que não fez diminuir o amizade entre os dois valerosos atletas.

# DIZ QUEM SABE...



**P**ARA se ser um bom guarda-redes é indispensável uma boa preparação física. É errado pensar que, duma maneira geral, o lugar de guarda-redes cansa menos um indivíduo do que por exemplo, um defesa ou avançado. Depende, evidentemente, do trabalho que tiver o guardião, durante o jogo. Se for daqueles em que somos obrigados a mergulhar dezenas de vezes, para apanhar a bola, é certo que ficamos arrasados. Isto de atirar o nosso corpo para o chão, saltando ou mergulhando não é brincadeira nenhuma. Tudo balança cá dentro e nós não somos feitos de madeira.

Portanto, só uma boa preparação física permite estarmos aptos a defender um desafio inteiro, e só não ceder por fadiga.

Mas há mais objectivos na preparação, sem ser para suportar a dureza de um desafio. O guarda-redes precisa de ter boas pernas para correr, pois um guardião que não sai dos postes nunca pode ser um bom guardião. Tem que ter bom poder de arranque, para se poder antecipar e cortar os cruzamentos.

Claro está, há que ter cautela com as saídas em falso. Com treino aturado — a prática, afinal — aprende-se o «tempo de saída» e actua-se automaticamente.

A preparação física beneficia ainda o golpe de rins e, de certo modo o poder de reflexos. Um guarda-redes em boa forma é aquele que está senhor de todas as suas facultades físicas para actuar como sabe e lhe manda a intuição. Sem preparação física conveniente é que para pouco lhe servirá a teoria...

Ainda sobre preparação, desejo lembrar a conveniência do guarda-redes treinar algum tempo como qualquer defesa ou avan-

O categorizado Costa Pereira toma hoje lugar nesta despreziosa tribuna para nos falar de vários pormenores que se prendem com a actividade dos guarda-redes. E é, sem dúvida curiosa o depoimento que se segue.

çado. Jogar a bola com os pés e até saber driblar é geralmente proveitoso. Em tempo joguei a interior esquerdo e considero que isso me foi muito útil.

Para terminar, três conselhos aos novos:

— Evite socar a bola. Desde que possa blocá-la, jamais deve jogar para a galeria, esmurrando o esférico, para canto ou para a frente o que é sempre perigoso.

— Não deixe nunca de seguir a trajectória. Os golos consentidos por distração (especialmente nos remates de longe) sabem a fel...

— Treine muito, muito, o mais que puder. Blocagem, estradas, cantos, «penalties», livres, chutar a bola com qualquer dos pés — tudo isso faz parte da bagagem do guarda-redes. Pense que raros nos perdoam um deslize, por mais insignificante que seja...

ALBERTO COSTA PEREIRA



# H U M O R

Concorrente premiado no 4.º concurso: **Eduardo Paulino**, Calçada de Nova, Sintra, 89, Porto.



Este também tem a mania de quem há-de ser «feiteiro da bola»...

(RESULTADOS DOS 4.º

E 5.º CONCURSOS)

Concorrente premiado no 5.º concurso: **João Avelino Marques**, Rua Pinto Bessa n.º 67-1.º, Porto.

Com os resultados de hoje, damos por concluídos os concursos de anedotas que promovemos desde o n.º 1, e cujos prémios consistiram em bilhetes de bancada central e livros da editorial da «Agência Portuguesa de Revistas».

Dos 4.º e 5.º concursos, apurámos uma legenda em cada. Eil-as:



— Sabes que o novo avançado-centro já casou? — Ah! Por isso é que ele agora só pensa no «balão»...

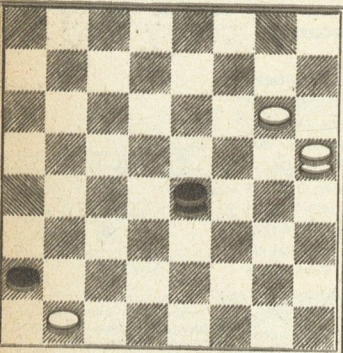


O cãozinho adoptou a tática de retenção de bola.



## Damas

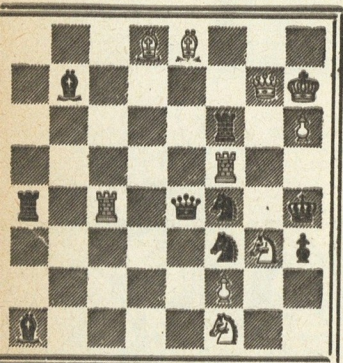
TIMONEDA



Jogam as brancas e ganham

## Xadrez

N. GUTTMAN



prémio de «Four-Pin-Way Tourney»  
(mate em dois lances)



## PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2		■		■						■	
3			■	■	■						
4				■	■	■					
5											
6	■										
7											
8											
9											
10											
11											

**Horizontais:** 1. — Antigo jogador do V. Setúbal; internacional militar. 2. — Dormir (inf.); art. (aut.). 3. — Cento e dez; a parte dianteira do navio; pedunculo. 4. — Existe; agora. 5. — Nota musical; campo em que se exerce determinada acção. 6. — Jogadores da Cuf e do Caldas. 7. — Buraco; carta de jogar. 8. — Colocar; único. 9. — Mira; jogador do Torriense; batrácio. 10. — Acusada; oferece. 11. — Baliza; antigo «internacional» do Sporting

**Verticais:** 1. — Jogadores da Académica e do Benfica. 2. — Soberano persa; pão doce. 3. — Laço apertado; peça do equipamento do pugilista; ant nota musical 4. — Comiseração; criada. 5. — Poeira; igual. 6. — Jogadores do Benfica e do Sporting 7. — Elogio; o Sol (entre os egípcios) 8. — Orla; nome de letra. 9. — Grito de dor; numeral; nesse lugar 10. — Art (aut.); cidade da antiga Caldeia 11. — Poema dramático ou lírico; antigo internacional do Belenense

ESTA SEMANA FAZEM ANOS

ESTA semana surgem nesta galeria de aniversariantes alguns «ases» do futebol de alta cotação. Para principiar o discutido Ramin, que festeja o 24.º aniversário na segunda-feira, pois nasceu em 10 de Junho de 1923. Sendo italiano, beneficia de um feriado português... Orlando de Carvalho Ramin nasceu em Lisboa e principiou a sua carreira nos juniores do Sporting em 1950-51, representando a Académica de Coimbra desde 1953-54.



Na terça-feira fazem anos o «internacional» militar Falé e o jovem avançado setubalense Rosa. Carlos Francisco Carvalho Falé nasceu em Redondo, em 11 de Junho de 1933 (completa também 24 anos) e representa desde 1951-52 o Lusitano de Évora.

António Rosa Ramos nasceu em Setúbal também em 11 de Junho, mas de 1934, pelo que faz 23 anos. Joga no Vitória desde 1951-52 (duas épocas em juniores).

Na quinta-feira haverá outra vez festa



no lar de Porcel (deve ter havido outra por causa da subida do Salgueiros...), pois o argentino comemora um aniversário: o 32.º (ninguém diria...) Nasceu em Buenos Aires em 13 de Junho de 1925 e em Portugal representou os seguintes clubes: 1950-51 e 1951-52 — Sporting da Covilhã; 1953-54 e 1954-55 — F. C. Porto; desde 1955-56, Salgueiros.



# UM PALMARÉS EXTRAORDINÁRIO

Não deve haver em Portugal dirigente mais eclético que o sr. Jaime Franco. Nem têm conto as vezes que já presidiu ou fez parte de sessões solenes, que usou da palavra ou distribuiu prémios, fora as vezes em que desempenhando cargos directivos teve sobre os seus ombros pesadas tarefas. A sua actividade de dirigente tem-se repartido por várias modalidades, ao mesmo tempo, desde há 30 anos, pelo que o seu «palmarés» é simplesmente extraordinário. Vejamo-lo:



Alem de ter batido o recorde de cargos dirigente, em 1951, o sr. Jaime Franco chefiou ainda a caravana do Atlético na digressão a África. Ei-lo a receber as boas-vindas da capitão da delegação da Beira do Clube Ferroviário de Moçambique, Maria de Lourdes Viana.



Presidindo a uma sessão solene na Fed. Port. das Soc. Ed. e Rec..

# JAIME FRANCO

1926 — Membro da Comissão Administrativa da Federação das Sociedades de Educação e Recreio.

1930 — Vice-presidente da A. G. da Ass. Hóquei em Campo + 2.º secretário da Direcção da Ass. de Raguebi de Lisboa.

1931 e 1932 — Vice-presidente da A. G. da Ass. Hóquei em Campo.

1933 — Idem + Vice-presidente da Direcção da Ass. Natação de Lisboa.

1934 e 1935 — Vice-presidente da A. G. da Ass. Hóquei em Campo + presidente da A. G. da Ass. Raguebi de Lisboa + Vice-presidente da A. G. do Basquetebol de Lisboa.

1936 — Presidente do Conselho Fiscal da Ass. Natação de Lisboa + Membro da Comissão Administrativa da Fed. Port. Natação + Presidente da A. G. da Ass. Basquetebol de Lisboa + Relator do C. F. da Ass. Futebol de Lisboa.

1937 — Vice-presidente do Congresso da Fed. Port. Natação + Presidente do C. F. da Ass. Natação de Lisboa.

1938 — Presidente do C. F. da Ass. Natação de Lisboa.

1939 — Vice-presidente da Direcção da Ass. Basquetebol de Lisboa.

1940 — Presidente da Direcção da Ass. Basquetebol + Presidente da Assembleia Geral do Carcavelinhos F. C.

1941 — Presidente do A. G. do Carcavelinhos.

1942 e 1943 — Presidente da A. G. do Atlético C. P.

1944 — Idem + Vice-presidente da Direcção da Federação Port. Basquetebol + Presidente da A. G. da Associação de Atletismo de Lisboa.

1945 — Presidente da A. G. do Atlético + Presidente da A. G. da Ass. Atletismo.

1946 — Presidente da A. G. do Atlético + Presidente da A. G. da Ass. Atletismo + Presidente da A. G. da Federação das Soc. Ed. e Rec..

1947 — Presidente da Comissão Administrativa da Fed. Port. de Basquetebol e, depois, da Mesa do Congresso + Pres. da A. G. da Ass. Atletismo + Secretário-geral da Direcção do Atlético + Presidente da A. G. Atlético + Vice-presidente em F.S.E.R. + Vice-presidente da A. G. da Ass. Futebol de Lisboa + Vice-presidente da Mesa do Congresso da Fed. Port. de Ciclismo.

1948 — Idem + Presidente da A. G. da Ass. Hóquei em Campo.

1949 — Idem, excepto aquele + delegado da Ass. Futebol de Lourenço Marques na F. P. F.

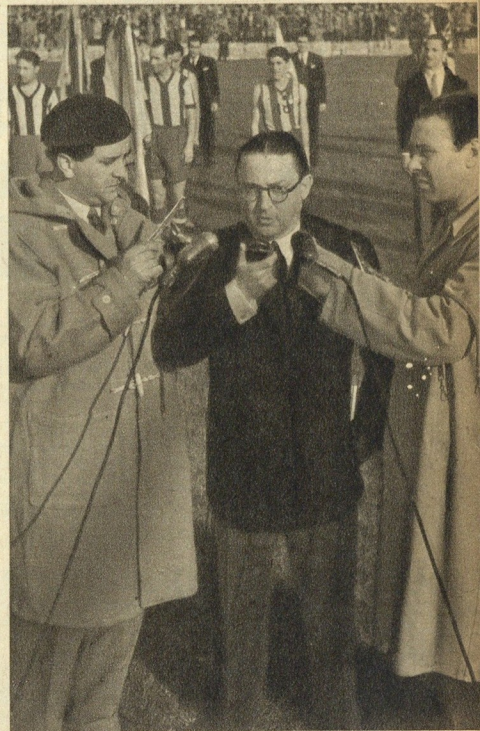
1950 — Presidente da Mesa do Congresso da Fed. Port. Basquetebol + Presidente da A. G. Ass. Atletismo + Presidente da Comissão Administrativa do Atlético + Presidente da A. G. da F. S. E. R. + Vice-presidente da A. G. Ass. Futebol de Lisboa + Presidente da A. G. de Hóquei em Campo + delegado da Ass. Futebol de Lourenço Marques.

1951 — Idem + Membro do Conselho Jurisdiccional da Fed. Port. Futebol (no Atlético, passou a presidente de Direcção).

1952 — Presidente da A. G. F. S. E. R. + Presidente da A. C. Ass. Hóquei em Campo + Presidente da Mesa do Congresso da Fed. Port. Basquetebol + Membro do Conselho

## ACUMULOU EM 1951

## OITO CARGOS DE DIRIGENTE!



Falando para o público da Tapadinha, e para a Rádio, ladeado por Igrejas Caelro e Quadrio Raposo.

(Continua na pág. 32)



Um mergulho em Cascais

## SAMPAIO

um desportista eclético!

Com a taça de campeões regionais de futebol.



Basta privar um momento com Sampaio, avançado-centro júnior do Sporting para se ficar ciente, sem hesitação, de que se trata de um rapaz educado, carácter franco e jamais vaidoso.

O leitor lembra-se daquele jogo — o último Sporting-Benfica, em Alvalade — em que os «encarnados» impuseram um «nulo» aos leões. Estávamos, por acaso, presente quando Sampaio se despediu do seu treinador, para regressar a sua casa, em Cascais.

— Boa tarde, sr. Pisa, e... desculpe este empate...

O técnico argentino sorriu e apertou-lhe a mão. Não havia que desculpar ninguém. O futebol é assim mesmo, e, aliás, Sampaio tinha cumprido plenamente o seu dever em campo. No fito de conhecer um pouco mais da carreira daquele correcto mancebo, que paulatinamente se encaminhava para a sua «scooter», interpelámo-lo.

— Cinco minutos para resumir a sua biografia. Está bem? — propusemos. Levou um pouco mais, porque Sampaio é o que se costuma chamar um desportista eclético.  
— Nome completo?

- José de Avilez Correia de Sampaio.
- Quando começou a praticar desporto?
- Logo que entrei no Colégio Militar. Ginástica, equitação e esgrima.
- É bom espadachim?
- Nunca o fui... Em florete era menos mau.
- Outras modalidades?
- Hóquei em patins no Sporting de Cascais. Fiz parte da equipa de infantis. Era médio...
- Que tal?
- Costo, mas prefiro o futebol...
- Também pratica o atletismo...
- Sim, fiz 60 metros e salto em comprimento.
- Bons resultados?
- Dois recordes de aspirantes...
- Prefere saltar ou correr...
- Correr, é mais emocionante.
- Mais modalidades?
- Natação, sem espírito de competição. E futebol, claro.
- Como se fez futebolista?
- Princípei nos torneios da Mocidade Portuguesa. Um dia a equipa do Colégio fez um treino com a selecção de juniores que havia de ir à Itália. Alguém do Sporting gostou da minha maneira de jogar, convidou-me a ingressar no Sporting — e cá estou...
- Porque abandonou as outras modalidades?
- É impossível praticar todos os desportos de que se gosta. E além disso ainda tenho os estudos.
- Quais são as suas aspirações no campo desportivo?
- O que os estudos me permitirem vir a ser... Não quero ser «profissional» de futebol!



Em parada, como aluno do Colégio Militar.

## BALIZA à prova de «fura-redes»...

Surgem muitas vezes petições extravagantes a respeito da alteração das regras do futebol. Eis um exemplo: um clube francês propôs que fossem autorizadas as redes metálicas, com a alegação de que são muito mais resistentes, o que é importante para a economia dos pequenos clubes, e que eram menos sujeitas a que a bola passasse entre as malhas, iludindo o árbitro...

Tal pretensão não foi atendida é claro. Além de poderem constituir perigo para os jogadores, iludiriam doutra maneira o juiz de campo: a bola chutada com violência batia nas malhas metálicas, fazia ricochete, voltava ao campo. Pior a emenda que o soneto...

## SULUÇÕES DO PASSATEMPO DESTE NÚMERO

DAMAS — 7-12, 29-25; 12-29, 25-14; 4-8, 14-4; 7-12, 29-25; 12-29, 25-14; 4-8, 18-4; 29-25 e ganham — XADREZ — Ch2.

PALAVRAS CRUZADAS — Horizontais: 1. Rendas, Hugo; 2. Gó, el; 3. CX, proa; pá; 4. Há, ora; 5. Lá, área; 6. Luis, Abel; 7. Cova; as; 8. Por, um; 9. Ve, gama, za; 10. Re, da; 11. Meta, Soeiro. Verticais: 1. Rocha, Cavem; 2. Xa, Jo; 3. No, luva, ul; 4. Do, aia; 5. Po, par; 6. Serra, Gomes; 7. Soa, ra; 8. Abade; 9. Ul, três, at; 10. El, ur; 11. Ópera, Amaro.

FOTO-ENIGMA — Adversário: Sarre. Resultado: 6-1. Campo: Estádio Nacional. Data: 1 de Maio de 1955. A «linha»: José Pereira (depois Costa Pereira); Artur e Galaz; Vicente, Wilson e Juca; Dimas, André, M. Costa, Fernandes e José Pedro.

# MÁRIO RUI

um extraordinário caso  
de pouca sorte turística!

Francamente: não cremos que haja jogador com mais pouca sorte em não viajar à conta do desporto do que Mário Rui. As vezes que foi a Espanha foi à sua custa. E no entanto representou três clubes com várias digressões no seu palmarés. Mas um estranho capricho do destino faz com que Mário Rui nunca acertasse.

Ora vejamos este caso bem extraordinário:

Mário Rui jogou largo tempo no Benfica sem que a equipa atravessasse fronteiras. Mas bastou que Mário Rui fosse para o Belenenses para que os «encarnados» fizessem as malas para ir a África...

Ora o Belenenses tinha ido à Alemanha e a Marrocos, antes de Mário Rui ingressar no clube, mas logo que aquele atleta regressou ao Benfica, os «azuis» trataram de ir a Espanha e às Ilhas...

De novo no Benfica, Mário Rui debalde esperou uma passeata. Transferiu-se então para o Oriental. É claro, o Benfica foi logo à «Taça Latina», ao Brasil, à Venezuela...

No Oriental não havia grandes perspectivas de saídas ao estrangeiro, e na verdade, enquanto Mário Rui lá esteve não houve novidade. Mas mal saiu, eis o clube marvilense a arranjar um vantajoso contrato para ir a Espanha.

Desistindo da actividade futebolística, parecia que Mário Rui jamais viria a atravessar a fronteira à conta do futebol. Mas o destino está apostado em fazer-lhe negações.

Quando os veteranos foram a Barcelona, Mário Rui foi convidado à última hora a ir também.

— Agora é que é! — pensou o simpático desportista. Mas não foi. Não conseguiu resolver o problema do passaporte a tempo — e mais uma vez ficou em terra!

Sem mais comentários...



O passado,  
o presente  
e o futuro de

## JOSÉ ÁGUAS

na mais completa  
entrevista que o  
famoso internacional  
concedeu até hoje!



**J**osé Águas advertiu-nos, lealmente que a sua vida desportiva fora já dissecada por mil e uma entrevistas, e que certamente nada nos poderia dizer de novo. Mas insistimos, demos uma orientação especial à nossa longa conversa — e se há, ou não, alguma coisa de novo nesta narrativa de José Águas, cabe a cada leitor (a quem é dirigida), dizê-lo...

A carreira de José Águas é tão rica de mutações, que resolvemos dividi-la por transferências específicas — de clubes, de lugares de

equipa, de vida civil, de empregos...

Para principiar, «dois dedos de conversa sobre a sua infância»:

— Perdi o meu pai muito cedo, tinha eu três anos e meio. Chamava-se Raul António Águas, e era pugilista amador, mas dos bons, pois dizem-me que se batia, e bem, com estrangeiros.

— Nunca sentiu propensão para seguir a mesma carreira de seu pai, no campo desportivo?

— Não! Meu pai era forte, dos pesados. Eu fui sempre franzino, embora rijo. Toda a minha incli-

nação era para correr, saltar e jogar a bola na praia.

**AGUAS**—«Jogador corporativo»...

— De quando datam os primeiros jogos de futebol a sério?

— Aos quinze anos empreguei-me na Casa «Robert Hudson» e passei a jogar pelo grupo da casa.

E prosseguiu:  
— O Lusitano do Lobito, onde jogava o meu irmão Raul, cedo começou a andar atrás de mim... Mas minha mãe, receosa da minha aparentemente fraca compleição física, não me deixava senão jogar pela casa, em atenção ao emprego...

— Mas sempre chegou a «levar a sua avante»...

— Sim, a princípio irregularmente, pois não queria deixar de representar o «Robert Hudson» nos «torneios comerciais»...

— Alguma vez colidiram as duas actividades?

— Bem, os jogos pela Casa eram aos sábados, e os do Lusitano ao domingo, mas não me convinha parti-

cipar num e noutra, para não abusar do esforço. Uma vez aconteceu um episódio curioso...

— Conte, por favor...

— Tinha dois jogos importantes, o da Casa num sábado, e o do Lusitano, no dia seguinte. Eu estava indeciso, porque os directores do Lusitano não queriam deixar-me jogar na véspera do desafio que



Preparando-se para cumprir mais uma vez o seu dever em campo.



Verificando a categoria da relva do Estádio da Luz, quando o Estádio da Luz ainda estava em construção.

lhes interessava. Para contentar ambas as partes, pedi-lhes para me deixarem só jogar um bocadinho no sábado, saindo logo que estivessemos a ganhar. Concordaram, mas foram para o campo fiscalizar.

E Águas contou então este de facto curioso episódio:

— Entrei a jogar e marcamos dois golos. Saí, como tinha ficado combinado mas passado um bocado, os meus colegas consentiram o empate. Voltei a entrar e daí a pouco

o resultado passou para 3-2. Pedi para sair, e novo empate se registou! Lá tive que entrar outra vez, e então fiquei até ao fim. Acabamos por ganhar, salvo erro, por 4-3.

### Surge o BENFICA!

— Desde quando pensou em ingressar num clube metropolitano? — inquirimos.

— Antes de o Benfica ir a África já vários amigos, entre eles Nuno Madeira, me andavam a soprar aos ouvidos para eu ir para o «nosso» clube, e alguns chegaram a escrever para cá. Mas eram mais entusiastas do que eu, que não encarava a sério a ideia.

— O Águas falou em «nosso clube». Já era benfiquista, então?

— Sim, como toda a família.

— Os seus «ídeos» dessa altura?

— Rogério, Azevedo e «Julinho»...

— Quando soube que o Benfica ia a África ficou contente, claro...

— Se lhe parece! Mas

Dançando com a esposa, participando no baile o seu colega Bastos.



Na Taça de Portugal de 1952, contra o Barreirense, rematando em meia volta. Um pé chuta a bola e outro parece fazer um furo no chão.

longe de julgar que isso viria modificar a minha vida.

— Jogou contra o Benfica...

— Sim, fui convocado para fazer parte da selecção do Lobito. Na primeira parte joguei a avançado-centro e no segundo a extremo esquerdo.

— Resultado?

— A selecção do Lobito ganhou por 3-1...

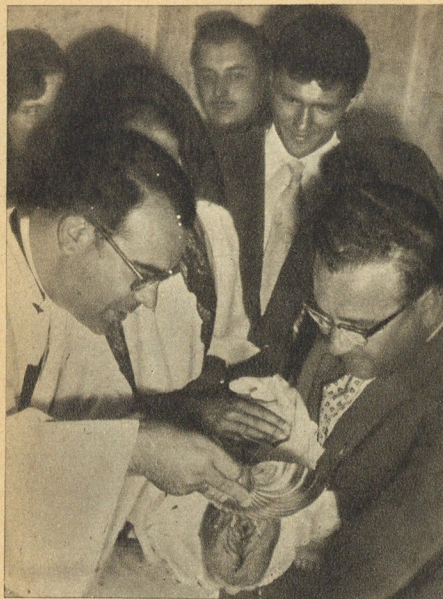
— O Águas estava do outro lado... — comentamos — Não marcou golos?

— Dois.

— Recorda-se do primeiro golo que marcou ao Benfica?

— Perfeitamente. Por sinal foi um grande golo, modéstia à parte. Eu estava a jogar a extremo, fugi ao Jacinto para o centro do terreno, recebi a bola pelo ar, parei-a com o peito, «desceu» ao pé direito... — e zaz! — o amigo Contreiras nada pôde fazer...

Que lhe parece, leitor benfiquista? Quem sabe se não foi este golo que decidiu sem mais delongas o ingresso do seu «ídolo» no Benfica...



Batismo da pequenina Helena Maria. O padrinho é o dinâmico dirigente benfiquista, sr. José Ricardo Domingues.

— Como decorreram as negociações para vir para o Benfica?

— Encontrei-me com os elementos benfiquistas na sede do Lusitano e convidaram-me a ir visitá-los ao hotel. Fui mais o meu amigo Nuno Madeira, que já antes me recomendara ao Sr. Retorta. Apresentaram-me ao treinador Ted Smith, que me felicitou pelo primeiro golo...

*Vim por um ano e já cá estou há sete!... — uma frase de José Águas*

— O assunto ficou logo arrumado, não?

— Mais ou menos. Falei com a minha mãe e irmãos e chegou-se à conclusão que eu, com 20 anos, podia muito bem tentar a sorte. Aliás estava convencido que vinha por um ano... Mas já cá estou há sete!...

— Arrependido?

— De modo algum. Até muito feliz ...

— Que se seguiu depois?

— Pedi um mês de licença no emprego e acompanhei o Benfica no resto da digressão. Marquei três golos em Sá da Bandeira, e tudo correu bem, felizmente.

— O acolhimento dos colegas?

— Muito bom. Eu era um pouco envergonhado,

porque não é assim de pé para a mão que se passa para um clube tão grande como é o Benfica...

Podíamos encerrar aqui o capítulo de transferência de clubes, acrescentando que Águas chegou a Lisboa em 18 de Setembro de 1950 (não regressou logo com o Benfica, devido à documentação militar) e que se estreou na capital na Tapadinha, contra o Atlético, em 24 do mesmo mês.

Mas há outra faceta a referir,



Dominando a bola, com o bico da bota, o que parece surpreender Silvino, do Barreirense.

que o pôs na berlinda nos últimos tempos: o pretense convite para se transferir para o Vasco da Gama. E assim...

*Se fosse para o Brasil seria só por umas tantas épocas, e para voltar ao BENFICA! — declarou ÁGUAS*

— Desde que se encontra no Benfica que convites recebeu para se transferir? — perguntamos.

— Nestas coisas nunca se sabe até que ponto os emissários são verdadeiros e representam de facto os seus clubes. Contando todas as pessoas que se me têm dirigido nesse sentido, ao longo destes sete anos, a lista seria comprida. Mas não va-

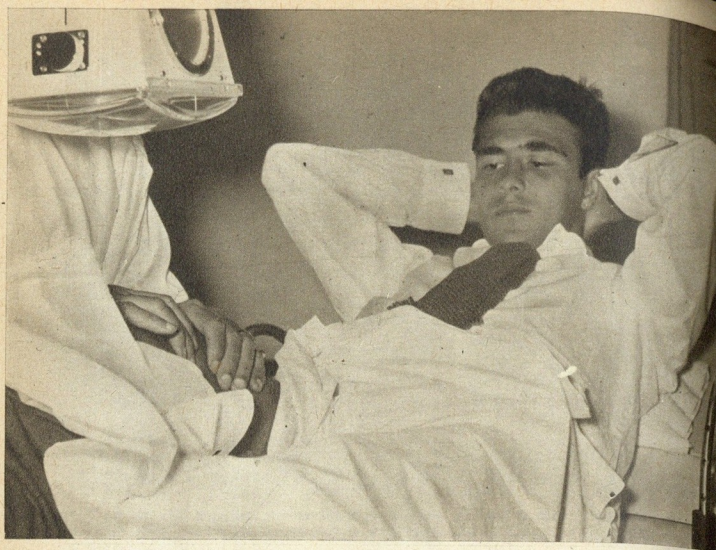
le a pena referi-los. Apenas o convite dos académicos de Coimbra, há anos, me pareceu formal, garantindo-me um curso.

— E quanto ao Vasco da Gama?

— Já declarei que a única pessoa que me falou, bem como ao Artur, foi da Portuguesa, do Rio.

— Mas como encara o Águas, francamente, essa eventualidade de se transferir para o Brasil?

— Apenas por uma questão material, e, vamos lá, porque sempre se enriquece a nossa «bagagem» em jogar no estrangeiro. Sou chefe de família e tenho que acautelar o meu máximo bem estar. Todavia, é bom frisar que apenas me interessaria



A parte desagradável da sua carreira: as lesões — «ossos do ofício»...

jogar no Brasil umas tantas épocas, e voltar ao Benfica.

— Assim como fez Rogério?

— Mais ou menos. Mas gostaria de acabar no Benfica...

Refletimos: José Águas tem agora 26 anos. Se fosse para o Brasil por duas épocas, voltaria com 28, podendo servir ainda o Benfica um bom par de épocas...

Enfim, aguardemos...

*Da antiga propensão para guarda-redes a avançado-centro*

Outro capítulo da carreira de Águas: a mudança de lugares.

— Nos tempos dos jogos da praia tinha uma certa propensão para jogar a guarda-redes — contou-nos José Águas — Quando jogava na «Robert Hudson» era a interior e avançado-centro. Depois acabei por alinhar em todos os lugares da linha avançada.

— Mas qual é o preferido?

— Avançado-centro ou outro que seja fronteiro à baliza. Muitos bons jogos que fiz no Benfica foi com a camisola n.º 8, mas quase não senti deferença...

E concluiu este capítulo dizendo:

— O lugar de avançado-centro é,

porém, de muito sacrifício, pois está-se sujeito a constantes choques. E não são só o tronco e as pernas que sofrem. Veja a minha cabeça...

Com a ponta dos dedos tacteamos-lhe o couro cabeludo. Impressionante a série de pequeninos «galos» que encontramos!

Águas joga muito de cabeça, receia disputar a bola com essa sua grande arma, mas isso não deixa nódoas negras, deixa pelo menos bastantes mossas...

### O cidadão JOSÉ ÁGUAS

Último capítulo desta entrevista:

José Águas, cidadão, chefe de família, homem com posição na vida, e não simplesmente jogador de futebol.

Falemos dos empregos, que bem curioso episódio nos dão:

— Empreguei-me aos quinze anos na secção «Ford» da casa «Robert Hudson». Era dactilógrafo — e é engraçado contar que, há pouco, na «Ford Lusitânia», de Lisboa, tive ocasião de reler comunicados dactilografados por mim, no Lobito...

— Actualmente é vendedor de automóveis, não é assim?

— Sim, um amigo meu, da Auto-

Ajeitando a bola para aplicar o seu pontapé fulminante, em jogo contra o grande rival do seu clube...





-Boavista, sabendo que o Rogério, que era agente de vendas da casa, se «transferira» para outra firma, sugeriu-me o emprego e eu aceitei de bom grado, pois, principalmente desde que casei, não me agradava depender só do futebol.

— Que tal se dá nesta actividade?

— Muito bem, mesmo. É claro, a princípio, não foi fácil, que vender automóveis não é a mesma coisa que vender caixas de fósforos. É uma profissão que, com o rodar dos tempos, grangeada a clientela, e também porque as marcas que re-

presento são conhecidas, pode dar proventos muito apreciáveis...

— E conta também com a sua popularidade, claro... — comentamos — Tem algum episódio curioso a contar sobre vendas de automóveis?

— Sim. Um cliente propôs-se comprar um «Ford» de 150 contos se o Benfica ganhasse o campeonato de 1956. Como perdêssemos, comprou-me um «Prefect» de 50 contos... Fiquei a perder na comissão, claro, mas o pior ainda foi perder o Campeonato...

E esta? Águas velejador!...



*Não regressarei a África!*

A longa (e interessante, leitor?) entrevista estava no fim.

Como se sabe, José Águas casou há dois anos, e é pai «baboso»... de uma encantadora e robusta menina, à qual deram o nome de Helena Maria.

— Na altura própria irá para a Iniciação Desportiva do Benfica — garantiu sorridente Águas — Há-de ser benfiquista, nem que lá em casa tenha de pintar tudo de encarnado.

Com posição desportiva assegurada (a hipótese Brasil é, pelos vistos, remota), emprego estável, lar instalado e feliz — impunha-se a pergunta final:

— Águas, você pensa que o seu futuro, quando deixar de jogar a bola, se fixará em África ou aqui?

— Não regressarei à minha terra, salvo em visitas, que, por dispendiosas, não poderão ser frequentes. Ainda que o futuro a Deus pertença, julgo, na verdade, que continuarei aqui em Lisboa, para sempre...

Assim falou José Águas, o homem que veio para a Metrópole, a pensar que seria por um ano...



Um golo no Pacaembu (S. Paulo) foi saudado com abraços dos seus colegas Artur e Alfredo.



Campeão da popularidade, num concurso promovido no Benfica, estando ladeado pelos 2.º e 3.º classificados, Calado e o hoquista Cruzeiro.

## JAIME FRANCO

(Continuação da pág. 17)

Jurisdicional da F. P. F. + Presidente da A. C. Ass. Atletismo.

1953 — Idem, excepto aquele último. Demitiu-se da Federação de Basquetebol por solidariedade com os restantes corpos gerentes, em virtude da exoneração do presidente da Direcção.

1954 e 1955 — Presidente da A. C. da Fed. Soc. Ed. e Rec..

1956 e 1957 — Idem + Vice-presidente da A. C. do Atlético.


1957 — Presidente da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio (eleição por triénio).

Nota — Aparte estas indicações ainda ocupou vários cargos no Carcavelinhos e é sócio honorário do Atlético, Associação de Hóquei em Campo, Associação de Futebol de Lisboa, Fed. Port. Col. Cult. Recr. e sócio de mérito da Associação de Basquetebol de Lisboa.

## A SEGUIR:

### *Biografia ilustrada de PEREZ*

— o avançado-centro  
do Belenenses que irá  
ter (se ficar...) um ri-  
val em SUAREZ!

A woman with blonde hair, wearing a red and yellow striped one-piece swimsuit, is sitting on a thick tree branch. She is looking towards the camera with a slight smile and her right hand is raised. The background shows green foliage and a clear blue sky.

*Neste número*

A MAIS COMPLETA ENTREVISTA  
QUE ÁGUAS CONCEDEU ATÉ HOJE

N. 9  
Preço 1\$50  
9 DE JUNHO  
DE 1957